

Edições Mortas Edições Mortas **M. Parissy** Edições Mortas Edições Mortas

MORTE

COM DEDOS EM FERIDA



morte com dedos em ferida

m. parissy

edições mortas

morte com dedos em ferida

m. parissy

título
morte com dedos em ferida

autor
m. parissy

direcção gráfica e capa
a. óscar morado

edições mortas
apartado 4602
4011 porto codex

impressão
graficar - vila nova de gaia

isbn
972831209

depósito legal
158113/00

sabias que as mulheres voam
pelo declínio da febre?
o meu peixe apoia as ideias nas veias
o crepúsculo é a fenda do mar

os pássaros não sobrevoam
voam enquanto as pedras se babam

seguiremos até amanhã o seu rasto
quando

a lua ontem à tardinha
desceu ao telhado
os dois analisámos as imagens:
em geral as pessoas vão passando e sorriem
e perguntam o que é isso que arde
quando se ama mesmo em ferida

trazer o mundo às costas
é apenas uma aparência

estamos conscientes como o dia deixou de ser luz
e o território invadido por aranhas
iluminadas por ruídos

começa a redescobrir o teu rosto
parte para a terra que aquece o sangue

o rastilho da flor pela frescura
vou de braços espaiados

a ausência da margem
deixa notar que existe um planeta
onde o céu vibra em notas musicais
o sul extingue-se pela chegada do mármore

o homem da geada retira do frigorífico uma cerveja
tem as mãos despedaçadas

eu quero imaginar o amor em ti
pelo menos sei a morada

a mãe do porteiro guardou
saudades e vícios

a borboleta pede licença para entrar
os cristais não deixam

deus construiu o país da selva
feliz o seu dono jazia de joelhos na avenida

as serpentes regatearam
o direito de colar selos nas flores
o carteiro virá bater à porta
versos mais tarde

agora não
não acreditamos

o privilégio de chamar pelo teu nome
esgotou-se em quarenta e tal poemas

se o sangue saísse pelas guelras
a voz repousaria sobre ti

o entendimento do silêncio
de repente como a primavera: os versos
são feitos de coisas inexplicáveis
como tu jovem esguia e de olhar livre

a padaria serve-nos de abrigo
as pessoas seguem-nos com olhares de labirinto
o sexo geme pela menção do telefone

há velhos cartazes de parede
enrolados sobre a mesa

o drama exterior das sombras
hoje é domingo
e amanhã ?

estamos em êxtase
esta taberna serve pratos
que podem acabar com a travessia

um vento vem de proa
retira páginas ao libreto

ao sair
viro a tabuleta da casa
tesouro fechado

quando o mundo deixar de estar
ligado aos carros
à abundância
ao hino
os escravos ganharão a batalha à rainha
uma negra dançará nua pelas escadas do éden
bati à porta
responderam as aves de rapina
de fim de tarde

o teu reino pertence ao amanhecer
não tem culpa o teu voo
alguém faz crescer a paixão
num sítio escuro
os animais foram apanhados por mim
a inércia dos mortos
é o caminho da oração

a minha criança foi atacada
pela febre
pode-se adorar a carne em chamas
o viajante ocidental
foi tocado pela rapariga visionária
amanhã vamos ter fogo nas ruas

talvez quando o barco
varar ao mar
as noites tenham
mais tempo e conversem comigo
quando a crença me perguntou
como sair deste sótão
eu disse: pelo cheiro que dorme no teu cabelo

homem que tocasse e pressentisse
outro homem preso ao sonho
pelo miar da cidade
e a morte não seria surpresa

o seu dono dorme em esquinas
cheias de caixotes de lixo

quase seiva
as mãos sujas

o lençol da casa renasceu
perguntei se seria em delírio que
provaria estas sementes

a cidade respondeu: melhor desesperar
o barco emitiu sinais

os dedos sangram
o mar está imóvel
tu arrastas-me para casa

a silhueta desfez-se em mil pedaços
reduzo a confissão
pela tinta escura
ninguém tem o direito de ler a sombra

bonecas na rua
desfilam sobre o vento

as criaturas passam pela primavera
de cara violentada
deixam a coragem ganhar espaço
absorver o cio da casa

lá fora está a chama que olha os plátanos
as vozes vão tremendo pelos braços do húmus

o nosso abraço deixou armaduras
caídas sobre o chão
assim o corpo vai ter que esperar
é permitido ter vertigens
a viagem do autocarro azul
parou perto da mão índia

cai ao pé do mosaico
o leve dia que enrola o corpo
sobe degraus
vem tapar a morte com os dedos em ferida
é verdade que as palavras mudam de significado
talvez, na verdade distante
abrigamo-nos na árvore
enquanto o pulso imita o ritmo da cidade

eu quis interromper
a voz apaixonada
que caminha sobre palavras
no meio da cortiça
um pássaro apodrece
as vendedeiras de tabaco
preparam o mercado seguinte
com cestas de rosas secas

a idade do tempo
balança num banco de jardim
as imagens correm à tua frente
em passos demorados
a laranja que embalas
conta histórias de desespero
e escutas o latejar do entardecer

hoje o lugar mais bonito
é o centro do planeta

a multidão é um banho de ouro

agradeceste estar presente

no último instante da flor que parte
para o bairro habitado pelo inimigo

quando o uivo chegar ao fim
e eu acordar da embriaguez
os dias serão veneno
para quem roubar a chama

meninos flamejam
os olhos com despojos
sexos até o teu peito contar
que este é um luxo do paraíso

os clientes da febre
perderam causas por ti:

o ar e o fogo esfriaram o sonho
a cidade desmorona-se aos nossos olhos
deslizam ninfas pela raiz da música

impossível reconhecimento

na água azul-cinzenta
os corredores de acordes
estavam ocupados com o espírito

retomamos o estado da lassidão
resultado: o coração foi atropelado
a água sujou a noite

a subir o asfalto
segue um poema
deixou a orla da floresta
vagueia na cauda de uma ave sonora
que gritava: ainda hei-de ser uma lágrima
a seus pés
a estrada parece fugir
o dilúvio conquistou terras químicas
o regresso à barbárie foi saudado pelos loucos

eu queria ouvir música secreta
mas a aranha no cabelo do poeta não deixou

tronco nu
alimenta corvos marinhos
o sobrado marcado pelas patas ociosas
liberdades

gente que torna natural a cólera
e as penas de um festival de animais imaculados

a máquina de escrever ganhou memória
adormeceu o tempo

hoje pode ser o próximo século
do outro lado do mar os cabelos mergulham
na erupção da tristeza

olha que a minha paixão
enquadra monstros
deixa poetas em delírio
quando a lâmpada dos ébrios volta a brilhar

conto as tuas feridas
às vezes nem sempre é fácil
ouvir o corpo em civil adolescência

em cada instante que passa
sinto que o amor viaja em comboios ultra rápidos
de que cor era aquela estação?

a noite vigia a bebedeira
corpos ambulantes e intermináveis passeios
as casas amontoam lábios secos
as ruas são ocasos
a noite olha os homens com dignidade

tu és um dia de luto
à chuva

as palavras acordam com a manhã enevoadada
extraem do coração
insectos
andorinhas
cães enraivecidos
ao meio-dia
a cada coisa que voa
o inferno vem dar fronteira
excepto quando a força é frágil

é onde as cinzas habitam
que procuro as asas da luz
os registos magnéticos do teu corpo
que cobrem o mundo inteiro

hoje demasiados filhos anseiam cantar
se for preciso eu tomo já o barco

o teu murmúrio também se chamou
curso natural

são gritos
que tatuam a voz

em breve a terra será orvalho constante
não depende só de nós
o mundo é no minuto seguinte:
l'amour c'est l'homme inachevé

este pinhal em lume
registra o som de um violino
sentado num paredão de areia
arrasta consigo relâmpagos

o coração desligado
as cartas entregues
o sorriso em papel reciclado

na volta do correio
o homem inerte espera músicas e outras coisas
que se arrancam aos átomos

a mão que toca a cegueira

o leite dançará pela lua cheia
rítmicamente se esgotam as flores dos prados

é isso o outro dia

levas de mar

uma silhueta vai percorrendo o dia pela encosta
o amor bate à porta de espíritos
pulsa na arena o jogo dos sentidos

deixas um rasto de palavras
e as palavras são as
que se vão tornando

o tempo é um rio
que se vai tornando

uma silhueta vai percorrendo o dia pela escarpa
o amor bate à porta de súbito
pulsa na arena o jogo dos sentidos

descem girassóis nas paredes
os silos movem-se
uma rosa escuta mulheres partindo

que a morte saia da fontanela
nó em cinzas

ouvem-se barulhos na rua
o barqueiro solta películas
caminhamos de cristal em cristal
até ao corpo dos olhares voadores

com um tremor indeciso
os passageiros começam a dançar

cremos que vem luz da fronteira
o barco fez-se ao mar
podemos abrir as janelas
na clareira da imagem estamos sós
o que se passa do outro lado do grito
são retratos que o sangue não filtrou

bóiam troncos nas margens do cérebro
já não tem cura a emoção de fugir com o amor no bolso

as folhas seguem com um ritmo alucinante
este barco dita a pulsação
arrastamo-nos em desespero à cidade mármore

não tarda sobe a maré
tornar-se-á amarga a liberdade
um pássaro revela o rosto do dia
doloroso e belo

no palco soltam-se abismos
a noite desfoca o grito à nascente
vai-se soltando
um agrário aroma

retiro-me agora para o lugar da sombra
dos bolsos sai o ardor tanino
ficam descontínuos os salmos e os paraísos
eis de novo a baixa-mar

estou entre a penumbra e o canto da janela
no sação os girassóis fecundam a terra e as
sementes alimentam o dia claro

as pedras vêm à superfície respirar
uma barca dissipa as nuvens da tarde
o fogo voltou para apagar a razão e as estrelas
inteiramente em branco

não damos conta dos pássaros
eles passam por pontes tingidas a vento
a barca toma outra direcção

a longa corrente consome gritos de mulher
os corpos ganham a forma de seres humanos
com o carvão em brasa
os homens entram majestosamente em equilíbrio de vagas

o dia ergue os braços
a névoa dissipou-se
a areia vai-se transformando em anéis de cor
pelas mãos de sábios que dormem na praia

os peixes beijam-se entre os ecos da lua

os homens da barca avistam mais uma estação
desta vez a cidade morava sozinha
viste a âncora nos olhos das mulheres

a maré começa a deixar
contornos subterrâneos
é impossível sair daqui a sorrir ao sol de lâmpadas

a mágoa foi coleccionando
selos
anátemas
a corrente parou
cumpriu a tarefa das borboletas
a rede volta ao mar
propriedade insolúvel

quando as abelhas tocam os girassóis
a colina demarca a enchente da maré

crianças perdidas alimentam as madrugadas
o amor retoma o caminho

a onda dos charcos deixou de ver o novo rosto

as luzes apagam-se
olhamos o último comboio
o guarda-freio segura os remos

vive-se de perto a música

no interior da mochila tresanda o cheiro
do perfume entornado

as amarras lançam para terra os odores da manhã

levantam-se homens
ninguém os ouve descer da carruagem

daqui a breves instantes voltam a partir

